

## **Cibercultura e Formação de professores: A oficina como metodologia de pesquisa**

Eixo 06 - Criatividade e inovação nas práticas docentes com uso das TIC.

Adriele da Silva Freitas OLIVEIRA<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Como recorte de uma pesquisa de mestrado, o presente trabalho traz a temática da oficina como procedimento teórico-metodológico de pesquisa sobre formação de professores e uso dos artefatos digitais contemporâneos em rede, neste caso em específico, os celulares. A pesquisa, que contou com as parcerias do Grupo de Pesquisa “Infância, Juventude, Educação e Cultura” /ProPed-UERJ e da Assessoria de Mídias e Novas Tecnologias (AMNT) da Fundação Municipal de Educação de Niterói/RJ, aponta que a metodologia escolhida pode ser promotora de um trabalho de campo alteritário e dialógico que supera o objetivo da coleta de dados, ensejando uma investigação que tem por objetivo ser formativa, além de trazer contribuições à AMNT no que se refere à sua função de formar os professores da rede municipal de Niterói para atuarem com as tecnologias digitais em sala de aula.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cibercultura; Formação de professores; Oficinas; Metodologia de pesquisa.

### **1. Introdução**

As telas estão hoje presentes no nosso cotidiano quando assistimos TV, quando lidamos com desktops, notebooks e tablets, quando usamos o celular, quando fazemos operações nos caixas dos bancos, e em outras diversas atividades que vão sendo reconstruídas e nos reconstituindo subjetivamente de acordo com nossas necessidades e experiências sociais e culturais, como aponta Soares (2002), “A tela traz significativas mudanças (...) entre o ser humano e o conhecimento” (p.146). Hoje, sabe-se que não cabe mais afirmar que a televisão hipnotiza a assistência, principalmente as crianças, até então consideradas vulneráveis às mensagens, o que as impedia de se constituírem como

---

<sup>1</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação (ProPEd – UERJ), e-mail: adrielesfoliveira@gmail.com

sujeitos críticos e criativos. Em 1999, Pierre Levy já contestava essa ideia quando afirmava que:

[...] um receptor de informação, a menos que esteja morto, nunca é passivo. Mesmo sentado na frente de uma televisão sem controle remoto, o destinatário decodifica, interpreta, participa, mobiliza seu sistema nervoso de muitas maneiras, e sempre de forma diferente de seu vizinho (p. 79).

Assim, ao contrário do que costumamos ouvir de alguns companheiros de profissão e o senso comum acredita, o consumo e a recepção dos produtos culturais é ressignificada pelo conjunto de mediações sociais, culturais e afetivas<sup>2</sup>. É justamente a fim de problematizar e criar espaços para a discussão sobre possibilidades de aproximar professores e alunos, que hoje se comunicam pela mediação de um mosaico de linguagens, proporcionando uma melhor interlocução entre eles, que pensamos que essa discussão é relevante, devendo ser enfrentada e visibilizada pelo campo da educação. Essa é a proposta do presente trabalho, recorte de pesquisa de mestrado, cujo objeto de estudo foi a mediação dos artefatos digitais na formação continuada de professores. Como recorte específico, discutimos nesse artigo as oficinas como procedimento teórico-metodológico da pesquisa, entendidas como espaço tanto de construção compartilhada de dados, como de formação coletiva dos integrantes do estudo: pesquisadora e pesquisados.

A pesquisa aconteceu no segundo semestre de 2015 sendo uma parceria entre o Grupo de Pesquisa “Infância, Juventude, Educação e Cultura”, ligado institucionalmente à linha de pesquisa “Infância, Juventude e Educação” do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, e a Assessoria de Mídias e Novas Tecnologias, setor responsável na Fundação Municipal de Educação da cidade de Niterói/RJ pela realização de cursos, visando a formação de professores da rede municipal de educação para atuarem em sala de aula com as novas tecnologias, principalmente as digitais. A Assessoria oferece suporte aos professores em projetos que estejam desenvolvendo que utilizem as tecnologias e implementa políticas públicas relacionadas à inclusão digital nas escolas, entre outras atribuições. A equipe da

---

2 Sobre a mediação na recepção dos produtos culturais, ver Fernandes e Oswald (2005).

Assessoria é formada por seis professoras da rede que atuavam em salas de informática ou que tenham histórico de atuação com recursos e linguagens digitais.

## **2. As oficinas como procedimento teórico-metodológico na pesquisa sobre formação de professores**

Kramer (2007) nos lembra que “Bakhtin entende que o homem só pode ser estudado como produtor de textos, como sujeito que tem voz, nunca como coisa ou objeto e, nesse sentido, o conhecimento só pode ter caráter dialógico. Conhecimento dialógico é acontecimento. É encontro.” (p.24). Para o autor, as pesquisas em Ciências Humanas são entendidas como ciências do texto, uma vez que

[...] o que há de fundamentalmente no homem é o fato de ser um sujeito falante, produtor de textos. Pesquisador e sujeito pesquisado são ambos produtores de texto, o que confere as Ciências Humanas um caráter dialógico. Uma primeira consequência disto é o que o texto do pesquisador não deve emudecer o texto do pesquisado, deve restituir as condições da enunciação e de circulação que lhe conferem as múltiplas possibilidades de sentido. Mas o texto do pesquisado não pode fazer desaparecer o texto do pesquisador, como se este se eximisse de qualquer afirmação que se distinga do que diz o pesquisado. O fundamental é que a pesquisa não realize nenhum tipo de fusão dos dois pontos de vista, mas que mantenha o caráter de diálogo, revelando sempre as diferenças e a tensão entre elas. (BRAIT, 2014, p. 98 e p. 100).

Esse foi o posicionamento que se buscou manter durante a estada da pesquisadora em campo, a partir do entendimento da dimensão dialógica da pesquisa em Ciências Humanas que, inspirando-se em Bakhtin (apud Faraco, 2009), pressupõe que “as vozes sociais se entrecruzem continuamente de maneira multiforme, processo em que se vão também formando novas vozes sociais” (p. 58).

Ainda sobre o posicionamento do pesquisador no campo de pesquisa, Pereira (2015), trazendo o conceito bakhtiniano de exotopia, esclarece que esse conceito traz dois aspectos fundamentais para se pensar a ética na pesquisa em Ciências Humanas. Esses pontos dizem respeito à incompletude e à alteridade como experiências vitais, o que implicaria em pensar o sentido da pesquisa e as condições em que esta acontece. Para a autora, pensar o sentido da pesquisa como instauração de uma ética envolve em

nos questionarmos sobre o “Para quê?” pesquisamos, o que significa pensar no que se deseja fazer existir com a pesquisa que se faz, ou seja, pensar o encontro como instaurador de uma ética, implica em abrir mão da pretensão da previsibilidade sobre o outro. (PEREIRA, 2015, p.61).

Em relação às situações em que a pesquisa acontece, para Pereira (2015), a ética na pesquisa implica numa postura adotada desde a formulação das primeiras questões da pesquisa até a divulgação dos seus resultados, incluindo ao longo do processo todos os encontros necessários com sujeitos, teorias, instituições e também do pesquisador com ele mesmo. O processo de pesquisa é feito de uma série de momentos nos quais as tomadas de decisão são intermitentes, impondo ao pesquisador posicionar-se, não sendo permitido isentar-se de responder e responsabilizar-se pelos sujeitos, teorias, instituições e por ele mesmo.

Desde o primeiro contato com a Assessoria de Mídias e Novas Tecnologias a postura adotada foi a de abrir mão da pretensão da previsibilidade sobre o outro. (PEREIRA, 2015, p.61). Deixou-se claro que a opção da pesquisa seria a da parceria, a de contribuir exotopicamente, com o suporte de um Grupo de Pesquisa inserido numa Universidade Pública, para se pensar conjuntamente questões pertinentes ao desenvolvimento de políticas públicas concernentes à qualificação da escola pública, especificamente no que se refere à inclusão digital de professores e alunos. Nesse sentido, esclareceu-se, desde logo, não ser interesse da pesquisa oferecer receitas ou interferir e modificar as dinâmicas da Assessoria de maneira autoritária e unilateral. Convencionou-se que o estudo seria realizado na perspectiva da alteridade, da dialogia e da exotopia, cabendo à pesquisadora completar-se com as experiências acumuladas da Assessoria e completar a Assessoria com aquilo que ainda lhe era desconhecido.

Na busca por uma metodologia coerente com os conceitos bakhtinianos, que proporcionasse a pesquisador e pesquisados ocupar diferentes lugares de alteridade no contexto particular da pesquisa e de sua temática, a oficina foi o procedimento que mais se ajustou a essa preocupação, tendo em vista sua dimensão de prática discursiva da qual emergem diferentes argumentos e posições referentes ao tema estudado, além de superar o objetivo da coleta de dados, oferecendo aos participantes elementos para a transformação da prática. Orientada pela abordagem histórico-cultural, a opção pela

oficina também buscou se distanciar das propostas de formação do tipo capacitação que Meireles, Ramalho e Nunes (apud Kramer e Jobim e Souza, 2008) descrevem como um exemplo típico encontrado nos processos de formação de professores, nos quais o formador fala e os formandos escutam. As autoras, baseadas em Vygotski, perceberam que quem mais se esclarece, nesse caso, é o próprio formador, uma vez que sua condição de falante propicia a internalização dos conteúdos, restando aos que ouvem, seja anotar e memorizar o que foi dito, seja constatar a distância entre a teoria abordada e a prática

[...] quando eu chego e digo para o outro: “Veja, eu tenho a solução para os seus problemas, deixa de fazer cópia, pára de cobrir pontilhado, não trabalha desse jeito, eu tenho uma boa saída”, quando eu digo “não faça isso, faça esta outra coisa”, eu não estou apenas tentando fazer com que a professora internalize a nova proposta, estou dizendo mais coisas para ela. Porque há várias coisas que não são ditas, mas que falam... Estou dizendo para a professora, por exemplo: “Eu, que tenho mais conhecimento, eu, que tenho mais poder e mais saber, digo para você que você não tem conhecimento e não tem poder. Quem decide sou eu; sua história (apesar de já ter vários anos de sala de aula) é uma história de práticas equivocadas, paciência!” Há um conjunto de não-ditos que são incorporados. E qual é a consequência? Eu, professora que trabalhava com dificuldades, mas que tinha clareza e certezas, eu passo a nem bem ter tantas certezas em relação ao que eu sabia fazer, porque alguém nega, desconsidera, apaga isso que eu sabia. (MEIRELES, RAMALHO e NUNES apud KRAMER E JOBIM E SOUZA, 2008, p.80)

Para as autoras, a prática educativa que não estabelece relação coerente entre o discurso e a prática é desastrosa, constituindo-se na deteriorização das relações entre educadores e educandos.

Garcez, Duarte e Eisenberg (2011) apontam que a opção por determinada metodologia de pesquisa não deve ser orientada apenas pelo nível de reconhecimento deste ou daquele procedimento, mas pela necessidade de se obter um material empírico com densidade e riqueza que nos permita uma melhor aproximação do objeto de pesquisa e suscite hipóteses explicativas sobre o fenômeno que buscamos compreender. Assim, o que determina quais procedimentos e recursos serão adotados ao longo da pesquisa é a necessidade de produzir registros confiáveis do trabalho de campo e de construir materiais empíricos válidos, que possam ser tomados como fonte para a compreensão de determinado fenômeno e/ou problema de pesquisa a partir do



questionamento do próprio pesquisador sobre a adequabilidade e viabilidade do material a ser produzido (p.251).

Paviani e Fontana (2009) enumeram duas finalidades das oficinas: (a) articular conceitos, pressupostos e noções com ações concretas, vivenciadas pelo participante e b) vivenciar e executar tarefas em equipe, se apropriando e construindo coletivamente saberes. Os coordenadores, responsáveis pela dinâmica da oficina, oportunizam situações de aprendizagem tendo como figura central os participantes e seus conhecimentos prévios, habilidades, interesses e necessidades (p.78 – 79).

Não é porque as oficinas possuem como figura central os participantes e suas necessidades que não deva se realizar o planejamento da mesma. Como toda ação pedagógica e de pesquisa, as oficinas tanto exigem o planejamento prévio como possuem características flexíveis, atendendo às demandas e proposições dos participantes.

Fernandes (2009), ao falar sobre a sua escolha metodológica pelas oficinas em sua pesquisa de doutorado sobre narrativas produzidas por crianças, cita Vygotski como um dos orientadores de sua proposta de oficinas, uma vez que para Vygotski, “os sujeitos são históricos, datados, concretos, marcados por uma cultura através da qual criam idéias e consciência ao produzir e reproduzir a realidade social, sendo nela ao mesmo tempo produzidos e reproduzidos” (p. 53).

Além de considerar os participantes da pesquisa como sujeitos históricos, sociais e culturais, capazes de compartilhar com o pesquisador a construção e interpretação dos dados, na proposta deste trabalho aqui apresentado a oficina articula os pressupostos teóricos da pesquisa com a prática, na medida em que possibilita-se que os sujeitos sejam usuários dos artefatos, vivenciando suas possibilidades e refletindo sobre os mesmos em articulação com os processos educacionais. O ambiente da oficina também “quebra a artificialidade que, muitas vezes, a pesquisa impõe ao ambiente, provocando dessimetrias entre pesquisador e sujeitos” (p.54), promovendo a interação entre os próprios sujeitos e deles com o pesquisador através de um ambiente leve e dinâmico.

Levando em consideração os aspectos citados acima, as oficinas foram pensadas em parceria entre a equipe da Assessoria de Mídias e Novas Tecnologias e o Grupo de Pesquisa. Essa parceria teve por objetivo focalizar o objeto de estudo, sem deixar de

levar em conta as demandas da Assessoria relativas à formação continuada dos professores da rede no que se refere ao uso das tecnologias digitais em suas práticas pedagógicas, tendo em vista um dos objetivos do estudo de contribuir com o papel da Assessoria de gestar políticas públicas comprometidas com a inclusão digital de professores e alunos da rede municipal de Niterói/RJ.

### **3. ESTRUTURA DAS OFICINAS**

Após discussões, visando adequar o objeto de estudo às demandas da Assessoria, foi aberto pela pesquisadora o curso “O uso do celular como suporte pedagógico” com certificação para os participantes, desenvolvido por intermédio de oficinas. O processo de inscrição no curso foi realizado através de ofício enviado pela Assessoria às direções das escolas que o repassaram aos professores. Oito professores demonstraram interesse pelo Curso, tendo sido nele inscritos pelas direções das escolas. O nome do curso foi pensado de modo a que chamasse a atenção dos professores e que ficasse claro a proposta do mesmo, uma vez que não se tinha garantia de que os professores teriam acesso à ementa enviada pela Assessoria às direções, uma vez que, normalmente, os cursos oferecidos são divulgados em reuniões pedagógicas semanais nas unidades em meio a outros informes, não sendo, como deveria, divulgados aos docentes.

O grupo participante da pesquisa e, portanto, das oficinas, foi composto por oito professoras da rede pública municipal de Niterói e três estagiários que cursavam Pedagogia e atuavam como mediadores nas salas de informática em escolas da rede pública. Esse encontro entre sujeitos de diferentes níveis ocorreu numa perspectiva interacional, tanto pelo interesse na temática inovadora quanto pela horizontalidade das relações no ambiente da oficina. Para Nascimento (1997), a maior parte dos professores saem da universidade com a formação científica predominando sobre a formação pedagógica. A autora salienta que é importante destacar a importância da dimensão pedagógica e didática da formação para a atuação da função de professor. Segundo a autora, “esta dimensão refere-se aos conhecimentos no âmbito das ciências da educação

e a definição dos conteúdos desta formação que precisa estar comprometida com a realidade em que se trabalha” (NASCIMENTO, 1997, p.232 -3).

A interação entre professores atuantes e professores em formação trouxe enriquecimento para a pesquisa, uma vez que observou-se que os olhares dos segundos para as atividades propostas nas oficinas eram complementados pela experiência em sala de aula dos professores atuantes, bem como, por outro lado, os olhares dos professores em formação, ainda não “contaminados” pelo modelo escolar que coloca a tecnologia fora da sala de aula, propiciaram aos professores atuantes vislumbrar alternativas para o trabalho com os artefatos digitais.

As oficinas, oferecidas no Curso “O uso do celular como suporte pedagógico”, foram estruturadas em quatro encontros com carga horária total de vinte horas, tendo sido desenvolvidas no ambiente presencial da Fundação Municipal de Educação de Niterói, bem como no ambiente virtual, em um grupo criado tanto no *Facebook*, quanto no *Whatsapp*. A constituição do grupo no *Facebook* foi motivada pelo objetivo do Curso de explorar o celular como um artefato digital móvel, capaz de promover “práticas pedagógicas pautadas na interatividade, colaboração, liberação da palavra, horizontalidade” (FERREIRA; MATTOS, 2015, p. 275). Com relação à criação do grupo no *Whatsapp*, visou-se a construção de um meio de comunicação instantânea, uma vez que nem todas as professoras faziam uso constante do Facebook e informes emergenciais poderiam ser divulgados por lá. Além dos informes, o *Whatsapp* serviu, muitas vezes, de apoio ao uso do *Facebook*: quando surgia alguma dúvida sobre a postagem de um vídeo, foto ou comentário, era através do *Whatsapp* que as professoras, compartilhando suas dúvidas, as resolviam. O registro das oficinas, em sua dimensão presencial, foi realizado por intermédio de gravações de áudio, permitidas pelos sujeitos. Os diários de campo também foram companheiros da pesquisadora ao longo da imersão no campo. Neles foram registrados sentimentos, questionamentos, aflições, bem como foram rascunhadas práticas pedagógicas com o uso do celular, provenientes das atividades realizadas nas oficinas, a serem sistematizadas e apresentadas tanto aos sujeitos da pesquisa, quanto à Assessoria de Mídias e Novas Tecnologias. Cabe dizer que o celular tornou-se um grande aliado nesse procedimento de pesquisa, tendo, muitas



vezes, substituído o lápis e o caderno de campo. Quando as ideias surgiam inesperadamente, nas viagens de ônibus, nas salas de espera de médicos ou em situações em que esses instrumentos não estavam à mão, era no bloco de notas do celular que elas

eram registradas. Tanto o espaço físico, como os espaços virtuais proporcionaram que a pesquisa de fato se estabelecesse de maneira alteritária e dialógica, legitimando a escuta do outro, buscando entender seu ponto de vista e dando-lhe o acabamento que, por si só, não ocorreria. Para Faraco (Apud BRAIT. P.170, 2014), uma das definições da palavra *diálogo* remete à “solução de conflitos”, “entendimento”, “promoção de consenso”, porém o dialogismo compreende a convergência e a divergência, o acordo e o desacordo, a adesão e a recusa, tanto o embate quanto o complemento. Segundo o autor, o Círculo de Bakhtin concebe as relações dialógicas como espaços de tensão entre os enunciados, sendo contraditórias.

#### 4. Apresentando as oficinas

As oficinas foram estruturadas em quatro encontros presenciais, porém com a presença do grupo no Facebook os encontros ultrapassavam o espaço-tempo da sala de aula e se perpetuavam tanto para quem havia estado fisicamente naquele dia, compartilhando suas produções com os demais colegas, quanto permitia a quem havia faltado participar dos encontros e desenvolver as propostas mesmo distante fisicamente. Esta potencialidade do grupo fica claro quando Alencar, que não havia ido a oficina naquela semana, publica no grupo do Facebook a proposta daquela semana junto com a seguinte mensagem: *Alencar: Fiz a atividade me baseando pelos colegas! Por favor, vejam se está certo. Abraços*

## A Arte e O Celular

Você já deve ter visto antes o quadro "O Grito" (1893), de Edvard Munch. Mas certamente nunca imaginou que o desespero do personagem poderia ser por conta da tela quebrada de um smartphone.



Dias, em outro momento, também compartilha sua produção e a seguinte mensagem a partir da interação com o grupo de participantes tanto no Facebook quanto no Whatsapp:

*Dias: Colegas, não sei se acertei na tarefa. Fiz a partir do que observei dos trabalhos postados por vcs. Levei uma "surra" pra descobri como compartilhar a apresentação! Tá mais um benefício do uso do celular, a gente pode fuçar a vontade!*

Couto Junior (2012), em sua pesquisa sobre aprender-ensinar com o outro no Facebook, ao refletir sobre a necessidade de substituir as conversas online por entrevistas presenciais nos aponta que inúmeros são os exemplos no Facebook que evidenciam as mudanças relacionais no modo como as pessoas vêm interagindo na Web indicando a potencia dos processos comunicacionais pós-massivos no diálogo com o outro, o que não significa que devemos desconsiderar as relações face a face, mas refletir e considerar sobre outras possibilidades de diálogo e interação (p.58). Desta forma, como nos diz Santaella, o encontro e o diálogo podem acontecer em novos espaços, uma vez que "A comunicação mediada por computador via internet deslocou os pontos de encontros físicos para os contextos espaciais virtuais" (SANTAELLA apud COUTO JUNIO, 2012, p. 58).

Entre as múltiplas funcionalidades dos aparelhos celulares, produzir imagens é uma das mais usuais e estas foram constantes nas oficinas. Para Jobim e Souza e Lopes (2002, online), as fotografias se estabelece como a escrita atual mediada pelas tecnologias, criando narrativas figuradas. Para as autoras, a leitura das imagens como atividade racional, subjetiva e sensível de tomada de consciência do mundo é uma conquista e que exige uma educação estética. Desta forma, a educação do olhar é evidente a partir de uma das propostas da oficina na qual os participantes deveriam produzir fotografias de lugares e objetos que fazem parte do cotidiano, os participantes foram convidados também a observar algo familiar no ambiente escolar, fotografar e compartilhar com o grupo no Facebook, assim Pagoto nos brinda com as seguintes imagens produzidas e a reflexão sobre elas:



*Pagoto: Como a Oliveira propôs um olhar diferenciado na escola ao que é corriqueiro e se tornou familiar, decidi fotografar os tampos de algumas carteiras. Esse tipo de rabisco é uma forma repugnante de vandalismo ao bem público, mas não há escola nesse Brasil que consiga contê-los! O tampo da mesa, anônimo como é, faz aflorar e exhibir a sexualidade, o ódio, a suástica, o proibido, o amor platônico, a zombaria, o tédio, o protesto, enfim, um mundo inteiro de sentimentos ocultos e reprimidos. Ele fala!*

O diálogo que se seguir se desenrolou a partir da produção compartilhada:

*Oliveira: Nossa Pagoto, que olhar sensível e que leitura fantástica!!!*

*Pagoto: Obrigada!!*

*Sena: Muito legal! Realmente você abraçou a proposta Pagoto! E ainda, proponho a todos a refletirem um pouco mais... É possível perceber a identidade daqueles que ali se expressaram?*

*Furtado: Isso dá uma dissertação de mestrado em Pagoto? Adorei seu olhar sobre o anônimo que fala.*

*Butschkau: Verdade! Acredito que deveríamos ter espaços onde os alunos pudessem se manifestar, hoje aqui em casa falamos sobre isso. Criar painéis para cada turma ter uma identidade.*

*Dias: A suástica se repete. Isto é preocupante, né?*

*Oliveira: Símbolos, signos*

As imagens produzidas por Pagoto são vistas a todos os momentos pelos os frequentadores de uma escola, elas trasbordam pelas mesas, saltando aos olhos principalmente daqueles que ali sentam, em muitos casos tornam-se mais um canal de comunicação entre os alunos. As reflexões produzidas a partir delas, tanto por Pagoto quanto pelos demais participantes deixam claro que elas não passam despercebidas, mas são notadas e analisadas suscitando outros questionamentos.

## 5. Considerações Finais

A oficina como procedimento teórico-metodológico escolhido coloca em foco os sujeitos da pesquisa. O celular como suporte pedagógico atraiu o interesse e a curiosidade das professoras, levando-as a produzirem importante material de pesquisa que pode trazer contribuições ao trabalho desenvolvido pela Assessoria de Mídias e Novas Tecnologias. O caráter dialógico das quatro oficinas oferecidas presencial e virtualmente subverteu a dessimetria entre pesquisador e pesquisados, como fica evidente no item 4, proporcionando que os dados construídos de forma compartilhada por um e outros possam ter se constituído em aprendizagem significativa, como ocorre na pesquisa que não visa apenas apresentar os resultados da investigação, mas se pretende formativa. Assim como as professoras foram afetadas pelas atividades das oficinas, a pesquisadora também não sai incólume desse encontro de alteridades. Se a incompletude dos sujeitos e a exotopia são elementos que garantem ética à pesquisa, pode-se considerar ética a pesquisa que serviu de pretexto ao desenvolvimento desse trabalho.



## Referências

- BRAIT, Beth. *Bakhtin: Outros Conceitos-Chave*. São Paulo: Contexto, 2014.
- COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. *Cibercultura, juventude e alteridade: aprendendo-ensinando com o outro no Facebook*. Dissertação, UERJ – 2012.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e Diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. SP: Parábola Editorial, 2009.
- FERNANDES, Adriana Hoffman. *Infância e cultura: o que narram as crianças na contemporaneidade?* Tese de doutorado defendida pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- FERREIRA, Helenice M. C., MATTOS, Rafael A. de. Jovens e celulares: implicações para a Educação na era das conexões móveis. In: PORTO, Cristiane, SANTOS, Edméa, OSWALD, Maria Luiza, COUTO, Edvaldo (org). *Pesquisa e mobilidade na cibercultura: itinerâncias docentes*. Salvador: EDUFBA, 2015
- FONTANA, Niura Maria. PAVIANI, Neires, Maria Soldatelli. *Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência*. Rev. Conjectura, Caxias do Sul, v. 14, n. 2, p. 77-88, maio/ago. 2009.
- GARCEZ, Andrea. DUARTE, Rosália. EISENBERG, Zena. *Produção e análise de videogravações em pesquisas qualitativas*. Rev. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.37, n.2, p. 249-262, mai/ago. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v37n2/v37n2a03.pdf> Acesso em mar de 2016.
- JOBIM e SOUZA, Solange. LOPES, Ana Elisabete. *Fotografar e narrar: a produção do conhecimento no contexto da escola*. Rev. Cadernos de Pesquisa, n 116, p. 61-80, jul. 2002. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742002000200004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742002000200004) Acesso em: jun de 2016.
- KRAMER, Sonia. *Por entre as pedras: arma e sonho na escola*. São Paulo: Ed. Ática, 3ª edição, 5ª impressão, 2007.
- KRAMER, Sonia. JOBIM e SOUZA, Solange. *A título de conclusão – Voz, palavra, escrita: direito de todos*. In. KRAMER, S. JOBIM e SOUZA, S. (orgs). *História de Professores – Leitura, escrita e pesquisa em educação*. P. 147 – 159, São Paulo: Ed. Ática, 1ª edição, 3ª impressão, 2008.
- LEMOS, André. *Cibercultura e Mobilidade: a Era da Conexão*. Revista Razón y palabra, n 41. Out/nov. 2004. Disponível em <<http://www.razonypalabra.org.mx/antteriores/n41/alemos.html>> Acesso em: 26 de mar. de 2016.
- \_\_\_\_\_. LEVY, Pierre. *O futuro da internet: Em direção a uma ciberdemocracia*. São Paulo: Paulus, 2010.



LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

MACEDO, Nélia Mara Rezende. “*Você tem face?*” Sobre crianças e redes sociais online. Tese (doutorado) – UERJ, 2014.

MEIRELES, Ana Cristina C. NUNES, Maria Fernanda R. RAMALHO, Georgina Maria C. G. *Afinando a orquestra: Concepções de linguagem e diálogo na escola*. In. KRAMER, S. JOBIM e SOUZA, S. (orgs). *História de Professores – Leitura, escrita e pesquisa em educação*. P. 72 – 84, São Paulo: Ed. Ática, 1ª edição, 3ª impressão, 2008.

NASCIMENTO, Maria das Graças de Arruda. *Formação de professor em serviço: um caminho para a transformação da escola*. In. FRANCO, Creso. KRAMER, Sonia (orgs). *Pesquisa e educação: história, escola e formação de professores*. P. 212 – 242., Rio de Janeiro: Ed. Ravil, 1997.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes. *Por uma ética da responsividade: Exposição de princípios para a pesquisa com crianças*. Rev. Currículo sem Fronteiras, v. 15, n. 1, p. 50-64, jan./abr. 2015. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol15iss1/articles/pereira.pdf> Acesso em fev. de 2016.

RECUERO, Raquel. *Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet*. Revista FAMECOS, Porto Alegre, n. 38, p. 118-128, abr. 2009. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/5309/3879>>. Acessado em: abr. 2014.

SANTOS, Edméa. *Pesquisando com a mobilidade ubíqua em redes sociais da internet: um case com o Twitter*. Rev. COM CIÊNCIA, nº 132, online, fev. de 2012. Disponível em: < <http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=74&id=932>> Acesso em: 30 de mar. de 2016.

SOARES, Magda. *Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura*. Educação e Sociedade, Campinas, Vol.23, n.81, p.143-160, dez 2002. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302002008100008&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002008100008&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 11 de out de 2015.

SANTOS, Rosemary Santos. SANTOS, Edméa. *Cibercultura: Redes Educativas e Práticas Cotidianas*. Rev. Eletrônica Pesquiseduca, v. 04, n 07, jan-jul, p. 159 – 183, 2012.